

Revista Espinhaço entrevista: Lori M. Hunter (University of Colorado Boulder)

Apresentação Entrevista concedida por Lori M. Hunter, editora-chefe da *Population and Environment*, à Revista Espinhaço durante “II Seminário Nacional sobre População, Espaço e Ambiente”, ocorrido em São José dos Campos (SP) entre os dias 29 e 30 de Outubro de 2013. Nesta edição especial da Revista Espinhaço, Lori M. Hunter, docente da *University of Colorado Boulder* e especialista em migração e ambiente, trás diversas reflexões sobre seu campo específico de pesquisa e, também, sobre seu trabalho a frente de um dos periódicos mais importantes do mundo nos estudos populacionais.

Revista Espinhaço: Lori, como surgiu seu interesse pela Demografia e quando/como você decidiu trabalhar com os temas relacionados a população e ambiente?

Meu interesse em Demografia decorreu do meu interesse em Sociologia. Quando decidi ir para a universidade, foi para estudar Sociologia e nunca tinha escutado a palavra “demografia” antes disso. Todavia, a universidade para a qual eu fui, identificou Demografia na declaração de interesses que escrevi porque eu falava sobre urbanização, desigualdade e temas como estes. Assim, eu não sabia que estava interessada em Demografia como um termo, mas estava interessada neste tipo de processos. Decidi trabalhar com temas relacionados a população e ambiente imediatamente após entrar na graduação. Isso se deu por dois motivos, o primeiro é que a escola que escolhi foi Brown, localizada em Providence, Rhode Island¹ e eu vinha de uma comunidade madeireira na região da Costa Noroeste do Pacífico nos Estados Unidos. Esta comunidade era muito pobre e sua pobreza se relacionava com a mudança econômica em larga escala ora em curso e que tinha enormes e significativas questões e implicações ambientais, o que tornava o ambiente uma importante parte dos meus questionamentos. Além disso, eu também estava interessada na migração para a região da Costa Noroeste do Pacífico, na qual pessoas vindas da Califórnia estavam se mudando para Seattle porque lá era bonito e tinha um custo de vida mais baixo, ou seja, existiam fatores econômicos e ambientais envolvidos no processo. Desta forma, encontrei, desde o início, o ambiente muito presente nas perguntas e temas que me interessavam.

Revista Espinhaço: Então, para você, havia uma questão central que se relacionava com Demografia e Migração?

Esta sempre foi a minha paixão... a migração... e eu não percebi que isso era Demografia até o momento em que isto foi colocado nesta perspectiva para mim.

Revista Espinhaço: Como você começou a trabalhar como editora de uma revista acadêmica? Nos conte um

pouco mais sobre os principais desafios e oportunidades deste trabalho.

Esta é uma ótima questão. Fui convidada, cerca de sete anos atrás, pela *Springer Publishing* (editora que publica o periódico *Population & Environment*) para ser editora-chefe do referido periódico. O convite surgiu porque era muito ativa no conselho editorial da revista, assim como por ter contribuído diversas vezes para ela ao longo dos anos, desde que população e ambiente haviam se tornado minhas paixões, ainda na pós-graduação. Sendo assim, a editora me via como alguém comprometido com a área, já que eu ia a todos os encontros, congressos e conferências, tinha uma ótima rede de contatos e estava em uma fase intermediária da minha carreira, tendo acabado de passar pelo meu período probatório. Desta maneira, era um bom momento para fazer isso, apesar de ter sido, talvez, um pouco cedo.

Outra questão é que realmente não havia ninguém mais sênior na área além de mim, exceto, talvez, por Daniel Hogan² ou Richard Bilsborrow³, que já vinham desenvolvendo trabalhos na área de população e ambiente. Muitos demógrafos sêniores já haviam desenvolvido algumas pesquisas que tangenciavam a dimensão ambiental, como, por exemplo, Barbara Entwisle⁴, nas quais estudaram fecundidade e redes sociais e outros temas como estes⁵, mas que não enfocavam diretamente a questão ambiental. Desta forma, eu era, provavelmente, a pessoa mais sênior da minha geração que focava exclusivamente em população e ambiente.

Certo, os desafios e as oportunidades. Os desafios mudam ao longo do tempo. No início, o principal desafio era conseguir que ciência realmente boa e de verdade fosse

² *N. do T.*: Daniel J. Hogan, professor da Universidade Estadual de Campinas e pesquisador do Núcleo de Estudos de População.

³ *N. do T.*: Richard E. Bilsborrow, professor da University of North Carolina at Chapel Hill e pesquisador do Carolina Population Center.

⁴ *N. do T.*: Professora e pesquisadora do Carolina Population Center e do Departamento de Sociologia da University of North Carolina at Chapel Hill.

⁵ *N. do T.*: Ver ENTWISLE, B. *Putting People Into Place*. Demography, Volume 44-Number 4, November 2007: 687-703; ENTWISLE, B. et al. *An agent-based model of household dynamics and land use change*. Journal of Land Use Science, 3:1, 73-93, 2008; e ENTWISLE, B. et al. *Population Growth and its spatial distribution as factors in deforestation of Nang Rong, Thailand*. Geoforum 39 (2008) 879-897.

¹ *N. do T.*: Estado localizado na Costa Leste dos Estados Unidos.

submetida à revista. Tive que empreender um grande esforço para abrir espaço em congressos e para conseguir que as pessoas enviassem manuscritos, principalmente porque a revista ainda não era realmente muito conhecida e reconhecida. Atualmente, recebemos uma grande quantidade de submissões muito boas e o desafio passou a ser – na verdade, é um dos meus principais desafios no momento – se sentir mal por ter que rejeitar tantos trabalhos como eu faço, já que tendo a ser uma pessoa boa e que procura apoiar e estimular os outros. Tenho que rejeitar vários artigos antes mesmo de poder submetê-los aos pareceristas/revisores, mas sempre escrevo cartas de *feedback* aos autores, procurando estimulá-los a melhorar seus trabalhos.

Revista Espinhaço: Você tem uma equipe ou trabalha sozinha?

Não, como a revista ainda é bastante pequena, até agora não há realmente uma equipe de apoio administrativo. Temos um conselho diretor, mas só conseguimos realizar um encontro anual, virtual. Não demandamos deles tantos pareceres e avaliações quanto eu deveria, até mesmo porque todos são profissionais sêniores muito ocupados. O que a revista realmente precisa, neste momento, é de um conselho diretor com mais pessoas em fase intermediária na carreira. Além deste conselho, também existe uma equipe de produção que fica na Índia e com a qual entro em contato com relação a aspectos de processamento e editoração dos textos, mas a maior parte do trabalho relacionado diretamente com a submissão dos artigos e o contato com os autores depende exclusivamente de mim.

Revista Espinhaço: Isso representa uma grande quantidade de trabalho.

Certamente! Com relação às oportunidades, acho que estão principalmente nas edições especiais, como esta. As oportunidades estão em apresentar trabalhos que sejam realmente inovadores, instigantes e talvez ainda não testados, que não encontrariam espaço em revistas mais *mainstream*. Pudemos publicar alguns trabalhos que considero que realmente trouxeram avanços importantes e que, muito provavelmente, não encontrariam espaço em outros lugares. Também me orgulho bastante das edições especiais que atraíram atenção para novas áreas de estudo.

Por exemplo, ter publicado uma edição especial sobre AIDS e ambiente em um momento no qual se dava muita pouca atenção às dimensões ambientais da pandemia de AIDS, foi algo realmente muito importante, principalmente por chamar muita atenção para a questão. Outros momentos importantes foram as edições especiais sobre a demografia do furacão Katrina e sobre população e clima, que trouxeram estes temas para as discussões dos demógrafos. Acho que é uma excelente oportunidade poder agrupar estes conjuntos de artigos que atraem a devida atenção para determinados temas e questões que estes não receberiam com a publicação isolada de artigos aqui e ali.

Revista Espinhaço: No Brasil, temos muito pouco apoio financeiro privado e governamental para aprimorar nossas revistas científicas. Você acredita que periódicos

importantes como a *Demography* e a *Population & Environment* deveriam ser os modelos a serem seguidos pelos periódicos brasileiros?

Roberto e eu conversamos um pouco sobre isso ontem porque eu não sei como seus periódicos funcionam e, então, eu não sei como responder a esta pergunta. Mas acho que responderia não à pergunta sobre achar que os grandes periódicos científicos deveriam ser o modelo para vocês. A razão para isso é que os periódicos científicos *mainstream* são voltados para o lucro, como a *Population & Environment*, que é uma revista da Springer e, conseqüentemente, voltada para o lucro e, assim, a preocupação deles é com a venda de assinaturas e de *downloads* dos artigos. Sei que está ocorrendo uma grande transição no mundo editorial, decorrente de todo este movimento pelo *open access* e de como o *open access* se banca quando você não paga taxas de assinatura ou *download*. Acho que está ocorrendo uma transição verdadeira, mas não tenho certeza se o modelo corporativo necessariamente funcionaria para os periódicos brasileiros. Não tenho certeza de qual modelo funcionaria, mas não estou certa de que seria este.

Por outro lado, a *Demography* certamente seria interessante de se pesquisar porque ela é a revista da Associação Americana de População (*Population Association of America* – PAA) e não é, necessariamente, voltada para o lucro. Os recursos da revista vêm das taxas pagas pelos membros da associação para fazerem parte dela e talvez este pudesse ser um bom modelo para os brasileiros. Talvez o melhor modelo para vocês seria o de um periódico vinculado à Associação Brasileira de Estudos Populacionais – ABEP.

Revista Espinhaço: Sim, nós temos a Revista Brasileira de Estudos de População – REBEP, que creio que funciona da mesma forma que a *Demography*, e é vinculada à ABEP. Se você pudesse mudar alguma coisa na maneira através da qual o conhecimento científico é disseminado, o que seria?

Eu tenho que fazer alguma coisa? (risadas) Eu gostaria que cada cientista que publica um artigo tivesse que escrever um resumo dele de uma página, não em jargão de sua área, e que apontasse o que ele fez, como ele fez isso, quais são os seus principais resultados e porque os resultados obtidos são importantes. Também gostaria que existisse um tipo de sistema de disseminação que levasse a ciência para fora dos muros da universidade ou centros de pesquisa. O que acham disso?

Revista Espinhaço: Isso seria ótimo! (risadas). Como você vê as diferenças no acesso à informação científica disseminada pelos grandes periódicos científicos entre as melhores universidades do mundo e as universidades localizadas em países em desenvolvimento como o Brasil? Estas diferenças podem ampliar as disparidades na produção de conhecimento no mundo? Como podemos resolvê-las?

Estas disparidades são muito importantes. Certamente o acesso é desigual. Estas diferenças podem ampliar a disparidade na produção de conhecimento? Certamente que podem! Isto fica claro para mim quando recebo manuscritos de partes do mundo que têm menos acesso e observo que eles não são tão bem fundamentados na literatura científica contemporânea, que eles não possuem revisões bibliográficas aprofundadas nem abrangentes e que eles não se encaixam adequadamente no corpo do campo de conhecimento. Sei que isto se deve, em parte, à falta de acesso às publicações. E o que acontece com estes manuscritos? Eles tendem a ser mais rejeitados, o que faz com que suas contribuições para a discussão atual não ocorram, gerando um ciclo de perpetuação da desigualdade.

Ontem mesmo conversávamos sobre uma meta-análise sobre migração e ambiente que estou escrevendo. Estou utilizando apenas artigos escritos em Inglês. Para que isso fosse diferente, teria que contratar tradutores das mais diferentes línguas e não tenho como fazer isto. E isto perpetua o fato de que a contribuição para o conhecimento sobre migração e ambiente resultante do grande trabalho destas pessoas que publicam em outras línguas não apareça na minha análise. E isto não é justo! Como podemos resolver estas desigualdades? Com o *open access*. Mas o *open access* tem que ser pago por ele mesmo e eu não tenho certeza de que isso funcione já que custa cerca de dois a três mil dólares para publicar um artigo aceito em uma revista *open access*, já que os autores é que pagam pela distribuição da revista. Duvido que isto seja factível em boa parte do planeta. Isto não é factível para mim se não tiver algum tipo de financiamento, como não tenho neste momento. Realmente não sei como resolver esta questão...

Revista Espinhaço: Esta é uma boa questão.

Esta é uma questão difícil. Com certeza o acesso é desigual, amplia as disparidades e acho que pode ser resolvido através do *open access*, mas não tenho certeza de como isso pode ser implementado. Certamente temos que pensar sobre isso.

Revista Espinhaço: Seu trabalho tem muitas considerações sobre a relação entre migração e risco ambiental. Fale um pouco mais sobre como estes riscos afetam a migração tanto nos países desenvolvidos quanto nos em desenvolvimento levando em consideração os contextos regionais.

O desafio colocado é que não há apenas uma história, ou seja, a relação depende do contexto. No contexto dos países desenvolvidos como, por exemplo, nos Estados Unidos, onde desenvolvo minhas pesquisas, a escolha do local de destino do deslocamento pode ser influenciado por fatores relacionados aos riscos, mas pessoas que já vivem em áreas de risco não são mais propensas a deixá-los. Isso faz sentido porque as pessoas que vivem em áreas de risco normalmente são exatamente aquelas que possuem menos recursos para deixá-las.

Assim, as pessoas que estão em áreas de risco são exatamente aquelas com menor capacidade de se mudar. É por isso que toda a questão dos refugiados climáticos é tão

complicada, já que as pessoas mais vulneráveis ao clima não são capazes de fazer deslocamentos muito grandes, internacionais, em função de seus altos custos. Desta maneira, elas tendem a se movimentar dentro das fronteiras de seus países e, assim, é necessário que ocorra diálogo e negociação dentro destes países.

Revista Espinhaço: Nos dê um panorama de como as mudanças ambientais podem afetar os padrões globais de migração nas próximas décadas e explique porque devemos continuar a estudá-las?

Eu acho que nós devemos continuar a estudá-las. Certo, sobre a primeira parte da pergunta. Acho que uma série de mudanças ambientais irá induzir migrações internas porque as migrações internacionais são caras. Acho que devemos continuar a estudá-las porque elas continuarão a acontecer e precisamos estar preparados, quer dizer, precisamos ter uma ideia de para onde as pessoas irão e do que elas irão precisar. E podemos fazer isso, acredito eu.

Revista Espinhaço: Certo. Você vem trabalhando com migração de áreas rurais do México para os Estados Unidos. No Brasil, observamos um grande deslocamento populacional do Nordeste para áreas mais desenvolvidas ao longo dos últimos 40 anos. As pessoas tendem a perceber a migração como algo disfuncional, como um tipo de anomalia. A situação de permanecer nestas condições, a falta de água e outros recursos econômicos e sociais, assim como de assistência é que deveriam ser vistos como anomalias. O que você acha disso?

Esta é uma questão interessante. Existem pesquisas sobre o Dust Bowl⁶ e os Estados Unidos da década de 1930 como, por exemplo, as desenvolvidas por Robert McLeman⁷, um

⁶ N. do T.: O Dust Bowl foi um período no qual intensas tempestades de areia danificaram seriamente os ecossistemas e a produção agrícola das regiões localizadas nas pradarias (Grandes Planícies) dos Estados Unidos e Canadá durante a década de 1930.

Atribuí-se a ocorrência do evento a uma conjunção de questões ambientais (um longo período de estiagem profunda e generalizada) e questões sociais e técnicas (a baixa tecnologia disponível no período e a precária utilização de técnicas de combate à erosão, em especial eólica, das terras agrícolas). Acredita-se que a utilização em larga escala de aração pesada nas décadas anteriores ao fenômeno destruiu as camadas superiores do solo nas regiões afetadas, contribuindo para a erradicação das gramíneas nativas, que mantinham os solos úmidos, férteis e coesos, mesmo durante os períodos de estiagem e fortes ventos característicos do bioma. A rápida e intensa mecanização da produção agrícola também é considerada como uma das componentes do problema.

Estima-se que a seca e a erosão ocorridas durante o período atingiram mais de 400.000 km² dos territórios dos estados do Texas, Oklahoma, Novo México, Colorado e Kansas, forçando dezenas de milhares de famílias a abandonarem suas propriedades rurais e a migrarem para a Califórnia e outros estados americanos menos afetados pelo fenômeno climático/ambiental. Todavia, as condições nos estados que receberam estas levas de migrantes não eram muito melhores em função da Grande Depressão, o que contribuiu de forma acentuada para a formação de um cenário de caos social e econômico que produziu profundas mudanças na economia e na sociedade norte-americana.

Para uma melhor análise demográfica do fenômeno, recomenda-se ver GUTMANN, M. P. et al. *Two Population-Environment Regimes in the Great Plains of the United States, 1930–1990*. Population and Environment, Vol. 27, No. 2, November 2005.

⁷ N. do T.: Robert McLeman é geógrafo e professor da Wilfrid Laurier University de Ontario, Canadá.

geógrafo canadense e Graeme Hugo⁸ que tratam a ideia de migração como adaptação, o que a torna, não necessariamente, disfuncional. Em muitos casos, ela é uma resposta perfeitamente racional a condições econômicas, sociais ou ambientais e tanto McLeman quanto Hugo, McLeman em particular⁹, têm utilizado exemplos históricos de migrações para argumentar sobre a racionalidade da migração como uma forma de adaptação. Acho que você está certo, quer dizer, a migração não é, necessariamente, algo disfuncional. Minhas pesquisas na África do Sul não enfocam a migração de domicílios inteiros. Estamos estudando e verificando que é uma decisão bastante racional por parte dos domicílios de mandar uma pessoa do grupo para outro lugar, para trabalhar e mandar dinheiro de volta para o domicílio. A mesma coisa é observada no México. Desta forma, não vemos migração dos domicílios, mas, sim, uma estratégia em nível domiciliar de enviar uma pessoa para trabalhar fora. E isso é muito racional. E vem acontecendo desde sempre (risadas).

Revista Espinhaço: Para finalizar esta entrevista, gostaríamos que falasse um pouco mais sobre População, Ambiente e seu trabalho como editora-chefe.

Uau! Gostaria apenas de enfatizar que o campo de população e ambiente é muito novo, no sentido de que realmente se iniciou com Daniel Hogan e seus artigos a partir de 1992, mas que já obtivemos tremendos avanços nestes 20-30 anos, tremendos avanços na complexidade e na inovação do trabalho e, também, na sua base teórica de sustentação. Acho que Daniel estaria realmente satisfeito, porque, quando ele incentivou a produção daquela série de estudos de caso localizados, as pessoas realmente os fizeram e criaram o corpo do campo que agora trabalhamos. Mas também acho que o que precisamos fazer agora, como mencionei anteriormente, é identificar o que já sabemos, o que ainda precisamos saber e como fazer para continuar em frente. Esta é minha primeira colocação.

O que gostaria de poder fazer agora seria dar uma parada para respirar, organizar o que já sabemos e trabalhar na questão de encontrar formas de nos comunicar melhor e imaginar maneiras de levar a ciência que estamos produzindo até as pessoas que podem utilizá-la, além de estimular as pessoas a continuarem submetendo bons manuscritos para a *Population & Environment* (risadas).

A revista está indo realmente muito bem, com muitas pessoas acessando-a e isto é uma enorme honra para mim. Me sinto honrada de poder apresentar ao mundo alguns trabalhos realmente inovadores e excitantes, mas as pessoas têm que se lembrar de que elas precisam submeter seus artigos para que tudo isso aconteça. A experiência como editora-chefe da *Population & Environment* tem sido ótima para mim. Ela representa uma grande quantidade de trabalho, mas é realmente muito compensadora.

⁸ N. do T.: Graeme Hugo é professor de Geografia e Diretor do Australian Population and Migration Research Centre da Universidade de Adelaide, Austrália.

⁹ N. do T.: Ver MCLEMAN, R. A. e SMIT, B. *Migration as an Adaptation to Climate Change*. *Climatic Change* (2006) 76: 31–53 e MCLEMAN, R. A. e HUNTER, L. M. *Migration in the context of vulnerability and adaptation to climate change: insights from analogues*. *WIREs Clim Change* 2010 1 450–461.